

ENTREVISTA COM DÉBORAH SACHS EM 2002

(divulgação autorizada, respeitando-se as condições acordadas, por e-mail,
em 28 de outubro de 2009)

Marco Antonio Coutinho

30 de Outubro de 2009

Breve introdução do entrevistador Marco Antonio Coutinho¹

Já há tempos desejava entrevistar Déborah Sachs. Eu sabia que ela estava realizando no Brasil o trabalho do Instituto Monroe², mas não havia ainda conseguido um contato pessoal com ela. O primeiro passo foi um cartão de Déborah, que recebi de minha mulher, Bea. Ambas haviam participado de um workshop de Respiração Holotrópica, com Stanislav Grof, e o contato entre as duas acabou me beneficiando. De lá pra cá, mantive contatos com Déborah, por e-mail e por telefone. Desses contatos iniciais, veio a participação de Déborah no SPS³... que acabou me recebendo em sua residência na Barra, onde conversamos por longas horas sobre a sua trajetória pessoal e o seu trabalho com o Instituto Monroe, com as experiências fora do corpo e com a expansão da consciência. O entusiasmo de Déborah é contagiante, e nesta entrevista vocês conhecerão um pouco do tanto que ela tem a partilhar conosco, como tem partilhado com seus alunos, nos inúmeros workshops que vem realizando há anos por todo o Brasil.

Notas introduzidas pelo Grupo Espiritualista Francisco de Assis:

1. Projetor com larga experiência e rico currículo vinculado à questão das experiências fora do corpo. Autor dos livros: “Além do corpo - a arte tradicional das experiências extracorpóreas”, pela Mauad Editora, em 1996; “Conversando sobre as Experiências Fora do Corpo, pela Gnosis Editorial, em 2008; e “Vivências Fora do Corpo - a aventura de cada um”, pela Gnosis Editorial, em 2009 (neste livro, Marco A. Coutinho é o organizador, e um dos autores, ao lado de Elione Medeiros, Silvia Rawicz, Drauzio Milagres e Luiz Otávio Zahar)
2. Representação brasileira do Instituto Monroe, gerenciada por Déborah Sachs: <http://www.portalmonroebrasil.com/index.html>
3. Site Spiritu Psique Soma (SPS), de Marco Antonio Coutinho.

Entrevista em si

SPS - Déborah, quando cheguei aqui nós conversamos informalmente sobre o trabalho do Instituto Monroe sobre defesas efetivas e permanentes nas experiências fora do corpo... por favor, fale um pouco mais sobre isto...

Déborah Sachs - Realizados para projetores astrais, especificamente, esses workshops do Instituto Monroe ensinam como se livrar das amarras das formas-pensamentos. E isso é um negócio incrível! Você sai do corpo e acha que vai ver tal coisa. E aí você vê!

SPS - Já há toda uma expectativa, não é?

DS - Toda uma expectativa! E aí você cria a sua forma-pensamento.

SPS - E o que você definiria como forma-pensamento?

DB - É assim: pensou, plasmou. Está ali! E a coisa não é por aí. Você tem de estar defendido, aberto para a experiência, para os objetivos que você tem. É preciso ter-se objetivos no que se faz, e nas experiências fora do corpo isto não muda. Quando a pessoa não tem objetivos, ela não vai a lugar nenhum. Ela pode ter até experiências das quais se arrependa de ter tido. Porque não está preparada. Quer dizer, somos nós mesmos que criamos as amarras.

SPS - E tem também o curso Como formular roteiros, objetivos e viagens fora do corpo. Como é isto?

DS - Isto, literalmente, é como se você estivesse montando uma viagem daqui para a Bahia, Europa ou Estados Unidos, montando um roteiro. Porque no Instituto Monroe eles ensinam que a gente precisa, antes de tudo, saber onde quer chegar e como quer chegar.

SPS - Há pessoas que estudam e praticam as EFCs que se preocupam muito com a possibilidade de encontrar espíritos "ruins", obsessores, etc. Como o Instituto Monroe vê isto?

DS - É... como anular isto? Quero dizer, isto que o pessoal narra, encontros com figuras vampirescas, obsessoras ou o que quer que seja... O Instituto trabalha muito com isto, através do trabalho Anulação de Influências Negativas.

SPS - Você fala aí em anulação. Então, pelo que a gente pode entender, a questão não é o que normalmente se coloca normalmente, que é a coisa de o que fazer quando encontrar companhia indesejáveis. Pelo que se vê o trabalho de vocês é não encontrar...

DS - É não encontrar! É prevenir, montar o roteiro, desenhar o objetivo e aí a coisa vai, flui. Literalmente a pessoa flui e contorna. O que quer que de negativo, por acaso, venha ao encontro dela, simplesmente passa, não a encontra. Porque o padrão energético da pessoa então é outro. Ou seja, ela não tem mais sintonia com aquele padrão ruim que, então, passa ao largo. Porque na vida física, quando a gente está andando nas ruas, passa do lado de ladrão, de assassino, de bandido, de tudo quanto é coisa ruim que pode existir. Mas aquilo não atinge a gente quando não está em sintonia. No momento em que você se prepara para sair do corpo e pensa ih!, eu vou lá... será que eu vou ver isto, será que eu vou ver aquilo?, você já está se programando para se encontrar com aquele padrão de energia.

SPS - É notável o fato de como se fala em obsessores nos grupos de discussão sobre EFCs. Isto seria uma forma de se harmonizar com eles, não seria?

DS - Exatamente, uma forma de se harmonizar, de se colocar na mesma sintonia. Então a gente tem como não entrar naquela sintonia, como escolher com o que vamos nos sintonizar. Em termos de energia, a coisa é diferente do físico. Na física diz-se que os opostos se atraem, não é? E energia não é assim. Em energia são os semelhantes que se atraem. Se a pessoa está em faixa energética baixa, vai atrair semelhantes na mesma faixa energética. Se está em uma faixa energética já mais sutil, com outros objetivos, outros conceitos, outras razões de ser, vai também atrair para a sua faixa energética o mesmo tipo de indivíduos que vibram em harmonia com essas energias mais sutis. Durante o trabalho no Instituto Monroe é feito um trabalho de corte de padrões indesejáveis e pré-conceituados. Veja bem, o preconceito, pré-conceito, é um conceito que a pessoa assume antes de qualquer exame da questão, antes de qualquer reflexão sobre ela. Então o trabalho é muito em cima de que padrão eu quero e que padrão eu não quero, qual é o conceito que eu tenho certo, definido, e qual é o conceito que eu tenho assim... mais aberto, soltão, entende? E lembrando sempre: nós somos aquilo que acreditamos ser. Isto é um fato. Não tem outra forma de explicar. Eu conto sempre a histórica de um assado...

SPS - Um assado?

DS - Um assado especial [risos]. Essa história eu aprendi no Instituto Monroe.

SPS - Conte aí pra gente...

DS - É a história de uma mulher que toda vez que ia fazer um assado pro marido, cortava as duas extremidades do assado. E aí colocava o assado no prato e servia pra ele. Um dia ele falou: — Eu gostaria de saber por que você corta essas duas pontas pra me servir o assado... Ela disse que não sabia porque, que havia aprendido aquilo com a mãe. Aí ele foi falar com a sogra e perguntou porque a filha dela, sempre que fazia o assado, cortava as duas pontas antes de servir. Isso tem a ver com o delicioso sabor do assado?, perguntou ele. A sogra também não sabia e também disse que aprendeu com a própria mãe. Mas ele insistiu e foi atrás da informação. Chegou lá na tataravó na esposa dele, na geração mais antiga que encontrou. E justamente no momento em que ele entrou na casa da velhinha, ela estava sendo auxiliada pela empregada a cortar as pontas do assado. Ele ficou contente. Cheguei na hora certa!, disse. Foi a senhora que ensinou à sua filha, que ensinou à filha dela, etc., até chegar à minha esposa, a cortar as duas pontas do assado, para que ele fique perfeito? A velhinha confirmou que ela mesma fazia isso. Então ele perguntou por que elas faziam aquilo. A velhinha respondeu: — Por que elas fazem isso eu não sei, mas eu corto porque a vasilha que eu tenho é muito pequena e o assado não cabe [risos], então eu corto as duas pontas pra ele caber direitinho...

SPS - Então o que as pessoas pensavam que era uma dica de culinária não era nada disso...

DS - Não era! Então é isso! Nós somos aquilo que acreditamos ser. É muito importante fixarmos isso. Se você acredita que é um ser bom por natureza, você vai agir como um ser bom por natureza. Se você acredita que não vale a pena, tudo que lhe acontecer vai provar que você realmente não vale à pena.

SPS - Você vai se harmonizar com aquilo e atrair, é isto?

DS - Mas isso é um fato! Você pode ver N exemplos disso. Muita gente não come manga se for tomar leite, porque acredita que faz mal. Hoje em dia as pessoas pensam que a mistura dá dor de barriga. Antigamente dizia-se que matava! E a gente sabe a origem disso! Foi no tempo dos escravos, quando o leite era um artigo muito caro, mas a manga podia ser encontrada em qualquer canto. Como o senhor de escravos queria economizar o leite, e como os escravos comiam com facilidade muita manga, ele colocava essa crença nos escravos, para economizar o leite! Esses princípios — somos o que acreditamos ser e semelhante atrai

semelhante — são muito importantes. Durante meu workshop nós trabalhamos isto intensamente e profundamente.

SPS - São elementos básicos, dos quais a gente raramente tem consciência.

DB - Exatamente. E eu trabalho também aquele conceito do Richard Bach — valorize os seus limites e por certo você não se livrará mais deles. É a coisa da pessoa dizer ah! Isso eu não consigo! Pode esquecer! Não vai conseguir mesmo!

SPS - É tipo um trabalho de autoprogramação, né?

DS - Com certeza. O trabalho do Instituto Monroe é muito profundo. E não bate de frente com nenhum outro trabalho, apenas complementa. E é uma coisa de não criar dependência. Sabe aquela frase dos chineses, que diz se você quiser matar a fome de um homem por um dia dê-lhe um peixe, mas se quiser matar a fome dele para o resto da vida ensine-o a pescar? Pois é isso. O Instituto Monroe prefere ensinar a pescar.

SPS - É assim que as pessoas podem encontrar e utilizar as suas próprias potencialidades...

DS - Exato! Há uma frase de Helen Keller muito interessante a esse respeito: nunca se deve engatinhar quando o impulso é voar... Então o Instituto trabalha tudo isso com os projetores astrais.

SPS - Até mesmo para que o projetor usufrua o mais plenamente possível do que ele vai realizar através da projeção, não sub-utilize tudo aquilo...

DS - Exatamente. Mas há uma coisa que eu gostaria de deixar bem clara: o workshop do Instituto Monroe não tem a intenção de ensinar alguém a sair do corpo. A intenção do Instituto não é essa. É ajudar a pessoa a expandir a consciência.

SPS - A experiência fora do corpo é um aspecto que pode acontecer em meio a um todo, certo?

DS - Na minha maneira de pensar — veja bem, na minha maneira, de Déborah — expansão da consciência é a mesma coisa que viagem astral. Porque a consciência não está no corpo. Não se define consciência como estando dentro do corpo.

SPS - Ela não é localizada...

DS - Não é. A física quântica já foi bem clara quanto a isto. Consciência não se define. Nunca ninguém definiu o que é consciência. Você define aspectos, utilização, as formas como ela pode se apresentar numa determinada situação, podemos deduzir consciência, mas não dizer o que é consciência. A definição clássica é saber com. Isso não tem um pingão de sentido pra mim. Na minha página na Internet, eu coloquei não exatamente uma definição, mas uma explicação sobre consciência. Porque a gente precisa saber o que é que vamos expandir, né?

SPS - E como você explicaria a consciência?

DS - A consciência não está na gente. Nós é que estamos na consciência. Ela é tão maior do que a gente, que somos nós que estamos nela, e não ela na gente.

SPS - De certa forma nós somos consciência, né? O próprio corpo físico é consciência...

DS - Nós somos consciência, estamos na consciência, e o corpo faz parte da consciência. Mas no momento em que você expande, você percebe que está muito além dos limites do seu corpo físico. Portanto, o que é isso que ultrapassa todos os limites físicos, e que você encontra nas mais variadas histórias, desde priscas eras? Não é de hoje que existe a expansão da consciência. Sempre existiu. A diferença é que hoje está na moda... As experiências fora do corpo talvez sejam uma das formas de se explicar o que é a expansão da consciência.

SPS - Agora vamos voltar um pouco atrás. Fale um pouquinho de você, de sua história...

DS - Eu nasci no Rio de Janeiro, no Flamengo, na Casa São José [dá boas risadas]!

SPS - Você havia me falado que é de família gaúcha, não é?

DS - Exato. Meu sobrenome de solteira é Porto Alegre.

SPS - Tradicionalíssima, hein!

DS - É uma família de origem açoreana. Que participou de um grupo de 66 casais que fundaram Porto dos Casais, que depois veio a se chamar Porto Alegre. Então todos os Porto Alegre são meus parentes...

SPS - E como foi que começou essa coisa da sua busca pelo estudo da consciência, a prática com esses estudos, as experiências fora do corpo...Você começou a ter essas experiências desde cedo?

DS - Eu praticamente nasci saindo do corpo. Desde sempre vivendo outras realidades espirituais. Então me colocaram em colégio de freiras. E as freiras falavam essa menina tem o diabo no corpo! [risos], quer dizer, fui expulsa, né? Porque quando a coisa apertava eu saía do corpo. Sabe como é, meu pai tinha origem italiana, era militar. Minha mãe, de origem açoreana e galega, era filha de militar. Família dominante, sabe como é. Então, quando a coisa apertava, eu saía do corpo.

SPS - Isso na infância...

DS - Isso desde que eu me entendo por gente. Só que eu achava que todo mundo também fazia isso, que todo mundo saía do corpo. Até o dia em que eu descobri que não, que não era bem assim. Aí eu resolvi ficar quieta, porque a coisa ficou ruim pro meu lado...

SPS - Aí você começou a ficar meio secreta, né?

DS - Durante muito tempo eu mantive secretas essas coisas, para me defender. E daí eu tive o primeiro amor da minha vida, que foi Peter Pan! Porque ele saía do corpo, viajava para a Terra do Nunca, onde as pessoas não cresciam e não ficavam adultos. E eu achava adulto um negócio muito coercitivo, muito podador mesmo, né? Então, pô, eu queria que Peter Pan me

levasse pra Terra do Nunca. Ele voava também! Aí eu deixava a minha janela aberta e minha mãe ficava em pânico.

SPS - Ela pensava que você fosse pular pela janela...

DS - Não. A gente morava em Botafogo, na Dezenove de Fevereiro, em um sobrado ali, uma casa. Tivemos a casa quase assaltada várias vezes. E eu queria que a janela ficasse aberta. Mas mamãe falava nunca! Fecha essa janela!, e eu ali, esperando que o Peter Pan viesse [risos]. Isso eu era pequenina. Estou hoje com 56 anos de idade, acho que nessa época tinha quatro ou cinco anos...

SPS - Ligadíssima no Peter Pan...

DS - É. E na Sininho também. Mas eu só gostava dela porque ela tinha aquele pó mágico que fazia as pessoas voarem. Pensava que se ela jogasse aquilo nas outras pessoas elas poderiam voar também, como eu. E então eu não me sentiria assim tão diferente dos outros...Essa era a única vantagem que eu via na Sininho, sabe, porque eu tinha um certo ciumezinho dela [risos]...

SPS - E como é que ficou essa facilidade de sair do corpo? Permaneceu durante toda a sua vida, até a idade adulta, ou houve alguma interrupção?

DS - Nenhuma interrupção. Nenhuma. O que houve foi um aprofundamento na parte espiritual. Em relação às dimensões espirituais, que eu antes não entendia. E então quis entender mais sobre elas. Então uma vez eu assisti a uma palestra do Divaldo [Divaldo Franco, renomado médium e escritor espírita] em que ele narrou que trabalhava em uma repartição pública e atendia muita gente. Ele às vezes conversava com uma pessoa, e a funcionária, colega dele que trabalhava ao lado, dizia: — Aí não tem ninguém, Divaldo... Ele ficava muito, muito aflito e dizia à colega: — Faça o seguinte: quando eu for atender alguém, aí por favor me diga se a pessoa está ali mesmo ou se abriu-se um campo dimensional e eu entrei em outro plano. Ou qualquer coisa do gênero. Porque ele já não sabia mais dizer quando a pessoa estava ali mesmo, fisicamente, ou não. E eu vivi coisas parecidas. Eu via as pessoas surgirem em plena luz do dia. Elas me traziam mensagens, coisas assim. E eu não sabia como lidar com aquilo. A coisa começou a me atrapalhar, a dificultar um pouco a minha vida.

SPS - Isso aí por volta de que época? Você era adolescente?

DS - Estava com uns 20 anos, qualquer coisa por aí...

SPS - Uma adulta jovem...

DS - Exatamente. Aí então eu fui procurar o Espiritismo kardecista, pra poder estudar um pouco. Fiz o curso do Evangelho Segundo o Espiritismo, estudei o Livro dos Médiuns, o Céu e Inferno, a Gênese... Enfim, fui estudar todo o pentateuco kardecista, né? Isso pra poder me situar um pouco.

SPS - E valeu?

DS - Ajudou, ajudou bastante. Eu me situei, mas não fiquei aí. Segui em frente, continuei a estudar, a ver o Budismo Tibetano e as outras formas de Budismo, o Sufismo, ao qual eu me ligo loucamente, devido ao aspecto do bom-humor, a coisa lúdica do Sufismo. Eles são muito engraçados, as histórias têm um bom-humor incrível, eu me identifico demais... E, no momento, estou tentando estudar um pouquinho da Cabala. É uma coisa ainda muito difícil pra mim, porque tudo é difícil quando você não sabe, não é?

SPS - A Cabala é particularmente interessante, porque ela tem a coisa do conceito, por meio da qual você pode ir além do conceito. Ela passa a ser uma vivência pura, e o conceito serve apenas como um momento inicial, um arranque para que você transcenda aquilo tudo... Aí a Cabala é êxtase, né? Êxtase puro...

DS - Eu tô começando. Tem uns dois anos, dois anos e pouco que eu estou estudando a Cabala, e isto não é nada!

SPS - Bem, então você procurou vários caminhos, para se situar. E como foi que você foi bater lá no Instituto Monroe? Quando foi que você ouviu falar do Robert Monroe e do Instituto?

DS - Eu participo da Federação Médico-Espírita, lá de São Paulo — como pesquisadora — e estava lá, participando de um congresso. Então conversei com alguém a

respeito dessas minhas "saídas fora do corpo", porque hoje eu estou redefinindo como expansão da consciência. Eu acho essa colocação mais coerente com a minha forma de vivenciar a coisa. E essa pessoa me perguntou se eu conhecia o trabalho do Monroe. E eu nunca tinha ouvido falar nele. Aí ela me apresentou o trabalho do Monroe, e eu descobri que ela era daqui do Rio de Janeiro, uma americana que vivia aqui. E quando voltamos ao Rio ela me deu o livro pra ler.

SPS - Isto em que época?

DS - Isso foi há uns 22 ou 23 anos, mais ou menos. Então eu li o livro, ainda em inglês, fiquei fascinada, achei o livro fantástico, tinha tudo a ver comigo. Inclusive chorei muito durante a leitura, pelas dúvidas que Robert Monroe se colocava e que eu também já havia me colocado.

SPS - Era aquele primeiro livro dele?

DS - Isso, o primeiro livro, Viagens Fora do Corpo. E aí comecei a me interessar bastante pelo assunto. Então houve um outro congresso em São Paulo, do qual eu também participei. Era um congresso de Transcomunicação Instrumental, que estava sendo organizado pelo Clóvis Nunes, de Ilhéus, uma pessoa que eu admiro bastante, por seu trabalho em Parapsicologia, e que foi quem realmente trouxe a Transcomunicação Instrumental para o Brasil. Nesse congresso havia um cara que representava a Transcomunicação Instrumental no oeste dos Estados Unidos, Marc Macy, do Colorado. Caímos sentados um do lado do outro e começamos a conversar. A certa altura ele me disse: — Você vai gostar de uma pessoa que eu vou lhe apresentar. E então ele me apresentou a Laurie Monroe, que também estava participando desse congresso. Eu tive uma identificação imediata com ela. Já havia lido os livros do Monroe, já estava mais por dentro do trabalho dele. Conversamos profundamente, e ela falou: — Eu gostaria muito que você fizesse um curso conosco!. Este foi o primeiro convite que eu recebi do Instituto Monroe, vindo especificamente pela Laurie. E nessa época o Robert Monroe ainda era vivo...

SPS - Ele faleceu em 1995, não foi?

DS - Faleceu em 1995, aos 80 anos de idade.

SPS - E qual foi a sua resposta ao convite da Laurie Monroe?

DS - Eu falei que iria sim, sem dúvida. E comecei então a me interessar pelos trabalhos do Instituto. Passei a comprar as fitas, devagarinho, a realizar em casa os trabalhos, etc. E via que aquilo funcionava. Então, na primeira chance, fui pra lá.

SPS - Você chegou a conhecer o Robert Monroe?

DS - Não, não cheguei a conhecê-lo. Quando eu fui pra lá, pra fazer o primeiro curso, ele tinha acabado de morrer. Ele faleceu ali por março ou abril de 1995, e eu fui pra lá em janeiro de 1996.

SPS - E como foi a sua experiência com os cursos?

DS - Já no primeiro curso, Gateway, entregaram-me um fichário e me perguntaram: — Você não gostaria de ser orientadora do Instituto? A Laurie pediu para que lhe entregássemos este fichário... Eu já tinha trabalhado com todas as fitas, ainda aqui no Brasil. E quando fui para os Estados Unidos, perguntei-me: — Será que vai ter alguma novidade pra mim?

SPS - E teve?

DS - Tudo foi novidade. E eu então fiquei fascinada, pratiquei bastante, e eles me entregaram o fichário, com esse primeiro convite.

SPS - E para você participar de um grupo, como instrutor, o que é necessário? Qual a preparação, o que eles exigem de você?

DS - Isso foi o primeiro contato. Logo depois eu fiz o curso Lifeline, em que a gente realiza resgates no mundo espiritual. E essa era uma área na qual eu já tinha bastante experiência, a área espiritual, os resgates e tal. Pelo meu trânsito no kardecismo isto já tinha sido uma vivência bem intensa pra mim. E nessa época os dois professores do Gateway e os três professores do Lifeline escreveram cartas de recomendação, indicando-me como treinadora do Instituto. Era um aval para que eu participasse. Eles me perguntaram se eu já tinha olhado

aquele material que recebi. Eu disse que sim. E então eles me perguntaram o que eu havia achado. E eu falei: — Eu nem li ainda [risos], o material é muito grande! E então eles disseram que eu lesse. E que em junho teriam lá um curso e queriam saber se eu achava que poderia participar como formadora. Eu disse que não sabia, exatamente porque ainda não havia lido o material.

SPS - E bastava você ler aquele material para estar em condições de ser orientadora?

DS - Não. Eles me informaram que eu precisava ter uma formação universitária, que precisava ter mestrado, um trânsito bem sólido em carreira de orientação, lidando com pessoas, alguns cursos paralelos, como Neurolingüística, etc. Quiseram saber qual era a minha experiência com meditação, com trabalhos ligados ao desenvolvimento da consciência.

SPS - E então? Você tinha tudo isso?

DS - Isso é interessante! Sem saber que eu ia terminar no Monroe, tudo que na minha vida inteira eu trabalhei levou-me a essa capacitação que era considerada necessária a um treinador do Instituto.

SPS - Mas por que, por exemplo, um treinador do Instituto Monroe precisaria ter mestrado? É compreensível que ele tenha uma experiência prévia com meditação, estudos da consciência, que seja de uma área que lide com pessoas, com Educação, etc. Mas porque a titulação de mestre é exigido, e não apenas um nível de graduação?

DS - Em nível de graduação, a minha formação foi como orientadora pedagógica. Em nível de mestrado, foi como orientadora educacional. Então eu tinha um trabalho de formação, tanto de aconselhamento, quanto de terapêutica, pra me credenciar a ser uma aconselhadora, se é que a gente pode falar assim... porque lá eles dizem trainer, que pra nós, se traduzirmos como treinador, fica com um sentido muito mais físico. Mas lá o sentido é outro. É o de uma pessoa que tem de estar muito bem formada e muito bem capacitada pra poder pegar no ar onde tem de orientar cada participante daquele workshop. Então, se eu não tivesse uma bagagem de 17 anos como trainer, orientadora... o mestrado me deu uma orientação muito mais

profunda... e pra cursar o mestrado eu tinha de ter antes cinco anos trabalhando, para depois candidatar-me ao mestrado, entende? E foi exatamente o que eu fiz.

SPS - Mas de nada adiantaria toda essa formação se você não tivesse um bom inglês, não é? Ou pelo menos um inglês funcional...

DS - Eu morei nos Estados Unidos por quase quatro anos. Fui para lá acompanhando o meu marido, e aprendi inglês lá mesmo. Cheguei falando com o gestual [risos] e saí com um inglês perfeito, porque era o inglês da prática, do dia a dia, da rua, do supermercado, e também o inglês da universidade. Eu fiz faculdade lá.

SPS - Você estudou aqui também?

DS - Sim, depois eu fiz Comunicação Social na Faculdade da Cidade. Todos os meus créditos cumpridos lá nos Estados Unidos foram aceitos pela Faculdade da Cidade.

SPS - E, na prática, como é que começou o seu trabalho no Instituto Monroe?

DS - Bem, eles haviam entregado o fichário. Eu li, achei que tinha tudo a ver comigo, que era tudo o que eu queria fazer, e minha formação "sem querer" batia com aquilo tudo. É coisa de sincronicidade mesmo. Acho que quando a pessoa está pronta a oportunidade realmente surge, né? E eu tinha trabalhado nesse sentido a vida toda. Todos os cursos que eu havia feito levaram o pessoal do Instituto, e a mim mesma, a perceber que eu era indicada para o trabalho que o Instituto estava pedindo. Havia ainda dezoito livros que eu deveria ler. Desses aí eu já havia lido treze, de modo que só me faltavam cinco... Pra você ver, havia mesmo uma sincronicidade. Eu li então os cinco livros que faltavam. O convite foi em fevereiro, e em maio eu fui para os Estados Unidos fazer o curso. Foram onze dias lá, durante os quais eles trabalham a capacidade da pessoa reagir a níveis profundos de estresse, como administrar situações vindas assim de repente, como que do nada. Tem de haver um grande poder de improvisação. Você só tem um ponto, e tem quinze minutos para prepará-lo e apresentá-lo. A exigência nas provas escritas é também muito grande. As provas escritas eram verdadeiras mini-apostilas, com umas dez páginas, mais ou menos, parte descritiva, parte múltipla escolha, tudo misturado. São necessários também bons conhecimentos em Psicologia, em Neurologia, etc. Por isto eu acho que eles devem mesmo exigir uma formação sólida, com mestrado, etc.

SPS - Mas não é uma coisa fácil. Foi uma experiência agradável?

DS - Eu adorei o curso! Achei bem puxado, mas adorei.

SPS - Qual é o nome desse curso?

DS - Chama-se TDAP, é o curso de formação deles. Mas quando eu terminei o curso achei que já havia me formado. Necas de pitibiriba! De jeito nenhum! Tem ainda de fazer uma especialização, que habilita a dar cursos avançados...

SPS - Mas esse outro, o TDAP, que habilita em termos básicos como trainer, quanto tempo leva? Isso entre começar o curso, fazer as provas e chegar até o fim. Quanto tempo?

DS - São onze dias lá no Instituto. Depois você sai, tem de realizar dois workshops com supervisão. Vem um supervisor dos Estados Unidos pra cá. A minha foi a Ann, uma pessoa com a qual eu tinha uma identidade muito grande, e havia sido a minha primeira professora lá no Instituto. Eu a convidei pra me acompanhar aqui no Brasil. Ela ficou hospedada aqui em casa e participou primeiro de um curso com supervisão aqui no Rio, e depois de outro em São Paulo. Coube a ela também verificar as instalações que eu estava utilizando, para ver se eram apropriadas ou não para o trabalho do Instituto. Acompanhou também quais as modificações que eu havia feito, para adaptar à cultura brasileira, como que eu ia aplicar isso tudo... ela ficou comigo o tempo todo: na preparação dos cursos, na apresentação, o tempo todo mesmo. Depois retornou aos Estados Unidos, apresentou um relatório, e daí então o Instituto enviou-me um diploma, que atestava que agora eu estava apta a ser representante do Instituto Monroe. Isso tudo levou um ano, no total.

SPS - E aí você ainda teria de fazer outro curso, né?

DS - Sim. O curso de Credenciamento Contínuo. É mais ou menos equivalente aos nossos cursos acadêmicos de pós-graduação lato sensu. Ele credencia a pessoa para dar cursos avançados.

SPS - E você teve de voltar lá para fazer esse curso?

DS - Sim. E aí eu me credenciei aos cursos avançados, que eu batizei como Crescimento Pessoal e Autocura.

SPS - Você passa então por todo um treinamento complementar, preparação de material, de aulas e tudo mais, adaptados ao nível que você alcançou...

DS - Você tem de estar muito bem preparado. Eu costumo brincar e dizer que é mais do que muito bem preparado, é, parafraseando aquela personagem da TV, moooooito bem preparado [risos]. Sem nenhum tipo de grilo, sem problemas para falar em público, etc.

SPS - E as pessoas sentem dificuldades para superar esses eventuais problemas?

DS - Do meu curso de formação, dos onze que entraram no curso, só quatro se formaram. Tem gente que faz duas, três vezes, pra conseguir se formar. Porque eles não facilitam mesmo.

SPS - E ainda tem algum curso que você vá fazer por lá?

DS - Eu vou todos os anos. Pertencço à Divisão Profissional do Instituto, como pesquisadora. Agora mesmo, em março, apresentei um trabalho, no qual uma pessoa com deficiência auditiva — é bom não esquecer que o curso é baseado em fitas de áudio — participou tranqüilamente do curso, porque eu não coloquei os fones nos ouvidos dela, mas em partes do crânio. E aí apresentei no Instituto os resultados disso.

SPS - E a coisa funcionou bem com ela...

DS - Funcionou super-bem! O trabalho vai ser publicado na Inglaterra, na segunda edição do livro Whole Brain. E esse meu trabalho é baseado em outro, que realizei na USP, no curso de pós-graduação em Psicobiofísica. A minha tese foi Golfinhos Humanos em um Approach Terapêutico. Estive diversas vezes nos Estados Unidos, para fazer estágios em dolfinários, para ver como eram feitas as terapias com golfinhos e entender um pouco mais sobre eles. Em três anos eu tive de ler 104 livros sobre golfinhos, para entender como essa terapia era feita.

SPS - Então você virou mestre em golfinhos, hein!

DS - Adoro os golfinhos. Para mim, eles são especiais. Pude nadar com eles, e isto foi um dos maiores prazeres da minha vida. Eles escaneiam a gente, você sente o tilintar do escaneamento deles, quando eles chegam perto...

SPS - Escaneiam mesmo?

DS - Literalmente. É "algo"!

SPS - E existe algum projeto para se instalar no Brasil uma filial, ou uma unidade do Instituto Monroe?

DS - Este é o meu sonho [risos]! A Laurie Monroe me disse uma vez que quando ela pensava em uma filial, o único país que surgia na cabeça dela era o Brasil. Ela tem paixão pelo Brasil, pelo senso de humor do brasileiro, pelo que ela vê como uma espécie de transformação contínua. Um verdadeiro fascínio, que me encanta, que me entenece saber... e que me dá uma bola cheia também [risos].

SPS - E o Robert Monroe também gostava do Brasil, não é? Ele chegou a conhecer o nosso país?

DS - Não, ele não chegou a conhecer o Brasil. Mas adorava os brasileiros que iam pra lá.

SPS - Mas a Laurie Monroe conhecia bem...

DS - Ela já esteve aqui cinco vezes. Participou de congressos, veio ao Rio, foi a São Paulo, ao interior, a Foz do Iguaçu, foi conhecer as comunidades alternativas no Planalto Central, andou por Minas, pra conhecer todas as influências energéticas...

SPS - É então uma pessoa muito aberta...

DS - Muito. E muito alegre. Uma pessoa muito fácil da gente chegar nela. Tem 50 anos de idade, um ânimo constante, sempre sorrindo, brincando. Eu adoro a Laurie, me dou super-bem com ela...

SPS - Então ela meio que partilha desse seu sonho de fundar aqui uma filial do Monroe Institute, né? E você vê assim, a médio prazo, uma possibilidade de concretizar isto?

DS - A médio prazo? Eu vejo muita possibilidade...

SPS - ... até porque um trabalho de filial pode começar sem ter aquele tamanho todo que a sede internacional já alcançou, né?

DS - Claro! Pode começar pequetinho...

SPS - O próprio Instituto Monroe começou como um departamento da empresa do Robert Monroe, não foi?

DS - O Bob Monroe começou como eu estou começando aqui no Brasil. Ele saía por aí com um curso, que era ministrado em diferentes lugares. E aí ele fez o curso no Esalen Institute, na Califórnia, que foi onde ele começou de verdade...

SPS - Parece que ele fez vários trabalhos também no Instituto Smithsonian...

DS - É, ele deu várias palestras lá. Então foi mais ou menos do mesmo jeito que eu faço hoje quando pego a minha malinha. O pessoal morre de rir de mim, com as minhas malas de material, mala das fitas, mala dos catálogos, pareço um caracol, com a mala nas costas [risos]...

SPS - Mas você vai precisar de ajuda. Porque já está com um trabalho muito pesado. O que você está fazendo em termos de tradução, organização? Aparentemente está trabalhando sozinha, né?

DS - É mesmo bastante trabalho. Traduções, implantação, divulgação. A simpatia que eles têm pelo Brasil é tão grande, que fez com que apressassem a tradução dos trabalhos

para o português. Para o francês levaram 13 anos, nove anos para o espanhol, e um ano para traduzir para o português.

SPS - Que diferença, hein! Agora, você tem feito aqui muitos trabalhos, em termos de palestras, workshops, cursos... Certamente deve ter entrado em contato com muitas pessoas motivadas e interessantes. Não podem surgir daí os colaboradores que poderiam ajudá-la a implantar no Brasil o Instituto Monroe?

DS - É tudo o que eu queria! Porque, por enquanto, eu fui a primeira e continuo até hoje a ser a única representante credenciada a dar cursos do Instituto no Brasil. Nosso país tem quase 170 milhões de habitantes. Será que não vai sair mais nenhum credenciado lá?

SPS - Essa pessoa que viria ajudá-la, teria de, num determinado momento, passar pelo mesmo processo que você passou?

DS - Teria não. Ela tem que passar. Porque eu não formo ninguém, entende? A formação é toda lá nos Estados Unidos. Por enquanto é lá.

SPS - Mas uma pessoa não poderia ajudar você em questões preliminares, ou até funcionais? Por exemplo, secretariando você, apoiando em trabalhos de organização, divulgação, traduzindo, etc, sem que viesse necessariamente a fazer cursos como você faz? Já seria de uma grande ajuda, não?

DS - Deixa eu lhe falar uma coisa: eu gosto muito em ler em línguas diferentes. Eu leio em espanhol, italiano, inglês e francês. E por que eu fui estudar essas línguas? Porque eu não gosto das traduções. Quando você tem um determinado assunto, existem terminologias específicas para aquele assunto. Então, se você fala de uma EQM, que é a experiência de quase morte — que em inglês é uma NDE, de Near Death Experiences — você vê que aqui foi feito um tipo de um acordo, para chamar de EQM. Então quando eu pego um livro em português, muitas vezes porque está mais à mão, é muito comum eu largar aquele livro de lado, ir correndo para o computador [risos] e encomendar o livro no original pela Internet!

SPS - Há inclusive aquela máxima que diz que o tradutor é um traidor...

DS - Você havia falado há pouco da coordenadora do meu curso regressão, que é a Jussara Serpa, né? Esta mulher, pra mim, é uma das melhores tradutoras que eu já conheci na minha vida. Ela traduz o curso que a gente faz com o Roger Woolger, e traduz até mínimas expressões e as manifestações emocionais dele!

SPS - Eu vi a Jussara fazendo tradução durante uma palestra do Grof, e é realmente espantoso...

DS - Eu fiz o workshop do Grof com ela traduzindo também... essa mulher é incrível! Uma fera. Fez inclusive a tradução do livro Psicologia do Futuro, do Grof, e ficou sensacional... Ela é ótima. Mas a Jussara, além de ter esse talento todo, conhece muito o material que ela traduz. Os termos específicos, as nuances, etc. E isso é muito raro de se encontrar...

SPS - Mas você quer mesmo fazer o Instituto por aqui?

DS - Claro! Mesmo que seja com muita simplicidade no começo, mesmo que eu começasse com um instituto meu, uma coisa minha, e depois eles venham de lá e coloquem mais estrutura, com os cursos residenciais e depois se transformasse em uma filial do Instituto Monroe. Se bem que já existem cursos residenciais do Instituto no Canadá. Mas eu não fico satisfeita com isso. Quero fazer os cursos residenciais com o Instituto montado aqui.

SPS - E o que a Laurie Monroe pensa disso?

DS - Ela se interessa pela idéia. Não vê como fazer isso agora, neste momento, mas fala sempre: — É algo muito bom para se pensar. Se eu tiver de fazer uma filial, não tenha dúvida que essa filial será no Brasil.

SPS - Como fica atualmente o trabalho com as experiências fora do corpo no Instituto Monroe?

DS - Fica muito bem, obrigado. Porque nós não temos nada que entre em conflito, só o que complementa.

SPS - E como é que seria a relação entre o trabalho que você faz e o que é realizado pelos diversos institutos brasileiros que trabalham de uma forma ou outra com as experiências fora do corpo? Há alguma relação?

DS - Olha, eu tenho mais contato com o pessoal do IIPC, do Waldo Vieira. Sou muito amiga deles, entende? Eu me sinto muito honrada de ter sido procurada por eles, porque eu admiro bastante o trabalho do Waldo, tenho uma admiração muito grande por ele — já lhe havia falado isso antes — por todo o trabalho dele, por toda a expansão do trabalho, eu tenho de admirar esse homem!

SPS - Claro! O mérito dele é indiscutível...

DS - Indiscutível! Então eu ser procurada por professores dele para fazer uma complementação com o trabalho do Monroe me traz uma honra profunda. Eu fico em estado de graça mesmo, entende [risos], e então eu auxilio em tudo o que posso. Passo todo o ferramental que posso entregar, porque acho que, hoje em dia, nós não estamos mais em um trabalho de separatividade, mas em um trabalho de complementaridade, e só me honra entrar em contato com todos os institutos que quiserem contatar a gente. Mesmo porque o nosso trabalho é um trabalho de expansão da consciência que pode auxiliar o trabalho de qualquer instituto, sem questionar e sem quebrar absolutamente nada do que eles fazem.

SPS - Perfeito. Agora, uma coisa que as pessoas perguntam muito. É sobre a metodologia do trabalho do Instituto Monroe, que é muito em cima de fitas, de sons, etc... Isto não traria o risco de criar uma dependência da pessoa em relação à tecnologia, no sentido de ela ter de recorrer a tecnologias para atingir determinados estados, obter determinados resultados?

DS - Eu posso responder com uma pergunta?

SPS - Claro...

DS - Você já viu algum adulto andando de bicicleta com aquelas rodinhas de apoio do lado?

SPS - Não, não vi...

DS - Pois é mais ou menos isso... Essa tecnologia auditiva do Instituto Monroe funciona mais ou menos como as rodinhas de apoio de uma bicicleta. Uma vez que você aprendeu, tira as rodinhas, não precisa mais delas... Você se senta, relaxa... e está fora do corpo.

SPS - O Geraldo Medeiros Junior, do IMPC, falou-me que pouco antes do Monroe falecer eles tiveram uma conversa rápida, e o Monroe falou pra ele que tudo está nas pessoas...

DS - Tudo está na gente. O Monroe trabalha com todos aqueles focos de que lhe falei: Foco 3, equilíbrio mente/cérebro - Foco 10, corpo dormindo/mente alerta - Foco 12, corpo dormindo/mente alerta/percepção expandida - Foco 15, ausência da variável tempo - Foco 21, ausência da variável espaço. Aí você está sem nenhum tipo de controle, solto, em outro plano, em outra dimensão. É onde você encontra entidades não-físicas. E onde muita gente diz que — de acordo com o segundo livro do Monroe, *Far Journeys*, que foi traduzido aqui como *Viagens Além do Universo* — a pessoa pode encontrar entidades não-físicas extraterrestres. Eu já acho que se não estão na Terra já são extraterrestres [risos]...

SPS - Exatamente...

DS - ... não interessa de onde estão vindo [risos]!

SPS - Nós mesmos somos extraterrestres, né?

DS - Exato! Principalmente quando você expande a consciência, quando sai do corpo, você é um extraterrestre [boas risadas]! Eu não me prendo aos conceitos! Eu acho que temos de nos prender à essência, e não aos conceitos. Essa é a minha postura. Trabalhar a essência, mas sem rótulos.

SPS - E quais são as áreas de aplicação do trabalho realizado no Instituto Monroe?

DS - São muitas. Uma é a chamada Série Cirúrgica. São fitas que você utiliza antes da cirurgia — pra preparar-se — assim como durante e depois da cirurgia. Eu utilizei esse processo e é realmente impressionante. Eu precisava passar por uma cirurgia de seis horas, há dois anos. Aí pedi permissão ao médico. Ele disse que por ele não tinha problema. E eu fiz a cirurgia com fones de ouvido, durante a operação propriamente dita, e havia pedido à equipe

dele que, após a cirurgia, trocasse a fita apropriada para a sala de recuperação, onde eu deveria ficar por duas horas. E eu fiquei acordada, perguntando aos enfermeiros que máquinas eram aquelas, toda curiosa e tal, perturbando todo mundo. Resultado, tiveram de me mandar logo pro quarto, né [risos]? Meu marido inclusive se assustou quando me viu no quarto! E o que os médicos perceberam? Primeiro que quase não houve sangramento. E eu não tive nenhuma alteração circulatória, respiratória ou cardíaca, nem agitação, nada. A permanência na sala de recuperação foi encurtada de duas horas pra 10 minutos [risos], eu não tomei remédio contra a dor, não senti dor nenhuma - e foi uma cirurgia imensa, da qual participaram duas equipes médicas... e assim por diante. E eles ficaram encucados com aquele raio de fita que eu estava ouvindo, como é que eu pude ficar tão tranqüila.

SPS - É realmente um trabalho revolucionário...

DS - E tem também o trabalho de tanatologia, que foi desenvolvido pelo próprio Robert Monroe, com a Elisabeth Kübler-Ross — uma austríaca responsável por toda uma jornada sobre a morte e o morrer — e o Charles Tart, que é um grande pesquisador dessa área das experiências fora do corpo...

SPS - Ele inclusive conduziu experiências laboratoriais com o Robert Monroe, não é?

DS - Muitas. Muitas experiências. E hoje ele está na Califórnia. Mas desenvolveu esse trabalho junto com o Bob Monroe sobre a morte e o morrer. É um trabalho que se chama Going Home. O pessoal espírita iria adorar! Uma parte do trabalho é para a pessoa que está deixando este mundo, e a outra para a família que está perdendo o ente querido. Então prepara os dois lados. E tem também o Catnapper, o "soninho do gato", que a gente chama de soneca, ou cochilo, né...

SPS - Como é isso?

DS - É um dos carros-chefe do Instituto. Você relaxa 15 minutos e dorme 15 minutos, simulando um sono equivalente a três horas da sua noite. Isso é muito bom pra pessoas que viajam, que muitas vezes ficam desfocadas em relação ao fuso horário. É muito

bom também pra pessoas que trabalham demais, não têm tempo pra dormir. Elas recuperam tudo rapidinho.

SPS - Fantástico! O que mais está acontecendo atualmente no Instituto Monroe, em termos de pesquisa e resultados?

DS - Muita coisa. Fica difícil falar de tudo assim numa entrevista. Mas, por exemplo, no momento, eles estão fazendo uma pesquisa - e eu acabei de receber um CD de lá, pra poder participar da pesquisa, com protocolo e tudo - sobre o Purrfect Hemi-Sync [risos]

SPS- Você havia me falado algo a respeito. É sobre o ronronar dos gatos, né?

DS - Isso! O ronronar do gato, mais o HemiSync, na cura da osteoporose.

SPS - Eu gostaria agora de falar de duas fases: o trabalho feito com a tecnologia Monroe e depois falar no trabalho de uma maneira geral. Mas vamos supor: existe alguma contra-indicação, temporária ou permanente, alguma condição que faça com que o trabalho com essas fitas e esses sons não sejam recomendáveis? Eu digo não em relação especificamente às fitas que você acaba de mencionar. Mas ao que você utiliza nos seus workshops, nos trabalhos que você realiza aqui. Existe alguma possibilidade de contra-indicação?

DS - Existe sim. As pessoas que têm algum tipo de distúrbio neurológico ou psiquiátrico mais profundo, que estão tomando medicação pesada, em situações em que elas têm um campo muito aberto, que estejam num processo de esquizofrenia, de dupla personalidade, ou mesmo múltiplas personalidades, não é aconselhável que realizem um trabalho desses, de expansão da consciência. Porque você não sabe até que ponto, ao expandir a consciência, você pode expandir o problema também.

SPS - Se bem que a gente tem de levar em consideração aquela frase — não sei quem foi que disse — que afirma que de perto ninguém é normal, não é?

DS - Claro! Mas eu estou falando dessas coisas quando elas estão pesadas, quando a pessoa está tomando drogas pesadas, medicamentos pesados. Em caso de dúvida, eu peço à pessoa que converse com o seu médico, para que o neurologista ou o psiquiatra entre em

contato comigo. Mesmo porque antes de fazer qualquer curso comigo, as pessoas assinam um termo de compromisso. E nesse documento está declarado que elas não estão tomando nenhum tipo de droga pesada, neurolépticos pesados, etc. Eu não estou falando em calmantes, em remédios para dormir. Não é disso que eu estou falando. Mas de patologia mesmo, de medicação pesada. Então ela tem de declarar que não está tomando nada, e que se responsabiliza por aquilo, que está no curso por vontade própria, no qual ela vai experienciar estados de expansão da consciência e que sabe que é totalmente responsável por todos os resultados que poderá obter.

SPS - Você já teve algum problema com alguma pessoa, durante seus cursos?

DS - Não. Nenhum problema. Mas já tive pessoas que fizeram o curso com atestado médico. Porque eu pedi ao neurologista que me desse, por escrito, a declaração de que aquela pessoa estava em condições de fazer aquele curso, apesar de estar tomando determinada medicação. Assim como tive pessoas que não fizeram o curso porque estavam com epilepsia em nível pesado, ainda sem controle. E poderiam sofrer uma crise epilética em pleno trabalho. Não é o caso das disritmias, que são um tipo de epilepsia não muito grave. Falo dos casos mais graves.

SPS - E o pessoal todo sai do corpo?

DS - As pessoas têm experiências. E algumas saem do corpo, embora o objetivo do curso não seja esse.

SPS - O objetivo do curso não é sair do corpo, mas as pessoas saem mesmo assim...

DS - Saem. E há pessoas que pensam que não tiveram experiência nenhuma, mas tiveram. Pensam que não expandiram a consciência. Eu acho engraçado! Elas dizem: — Aquele barulho que começou de repente me atrapalhou um pouco... Aí eu pergunto que barulho foi esse. E elas insistem: — Aquele barulho!, e repetem o som do que ouviram, tipo chuf chuf. E esse barulho acontece geralmente porque quando a pessoa expande a percepção, ela ouve o correr do sangue nas veias. Muitas vezes ouve a própria respiração, muito ampliada. Todos os movimentos crânio/sacrais, o barulho do coração, tudo bem ampliado.

SPS - Então, pra finalizar, eu queria colocar aqui uma discussão que existem em torno das experiências fora do corpo. Há quem diga que elas são perigosas, se tentadas fora de um determinado contexto, às vezes até um contexto religioso. Outros dizem que as EFCs não trazem perigo algum. Não estou falando do método Monroe, especificamente, mas das EFCs em si mesmas, provocadas voluntariamente, com consciência e lucidez. Como é isso pra você?

DS - Pois é... como é isso pra mim... pra quem nasce saindo do corpo é engraçada essa pergunta, né [risos]... Eu sempre tive muita proteção. Pra chegar até onde eu cheguei, tive muita proteção e agradeço a Deus por isso. Falo isso de mim, eu, Déborah Sachs. Eu sempre saí do corpo, desde que nasci. Eu contava para a minha mãe as coisas que eu via, conforme já disse aqui. Costumo fazer trabalhos de cura saindo do corpo, ir a locais chamados "purgatórios" da vida, vou lá de moto próprio para resgatar pessoas... eu sempre fiz isso. Mas percebo que aprendi bastante com a metodologia do Monroe, no sentido de ensinar as pessoas a fazer a mesma coisa estando protegidas. Foi isso que eu aprendi mesmo com o Monroe...

SPS - E você acha que as experiências fora do corpo podem ser perigosas? Ou não?

DS - Eu acho que elas são uma coisa desnecessária, a partir do momento em que você está no corpo. Você tem de aprender alguma coisa é nesse corpo. Você está encarnado. Eu gosto dessa expressão en-car-na-do, estar em forma de carne. Logicamente você tem alguma coisa para aprender nessa bendita forma de carne. Então vamos utilizar as coisas nessa forma de carne, com proveito pra gente, com aprendizado. Tem tanta coisa que a gente pode fazer! Sentir o sabor dos alimentos, fazer amor, entende? Você vai fazer isso no corpo! E as experiências extracorpóreas, ao menos na minha maneira bem humilde de pensar, são expansões de consciência. E é por aí que a coisa funciona. Eu não gostaria de entrar em teorias do que é corpo sutil, corpo etérico, corpo astral, corpo emocional, corpo mental... eu acho que isso é uma discussão sobre o sexo dos anjos, entende, e a gente não vai chegar a lugar nenhum...

SPS - E medianamente, você diria que é uma coisa inofensiva o indivíduo relaxar, programar-se e sair do corpo? Haveria alguma margem de risco?

DS - O indivíduo que não está devidamente preparado, com um bom roteiro, com um bom campo de proteção, poderia correr riscos sim, no sentido de encontrar entidades não muito amigas... Quando ele está na sintonia só da curiosidade ele não está numa boa sintonia.

Essa pode não ser uma sintonia muito harmônica e você pode encontrar espíritos brincalhões pelo meio do caminho, e as brincadeiras às vezes são de mau-gosto. O próprio Monroe, nos livros dele, coloca que, no início, quando ainda não tinha proteção, ele encontrava essas entidades sim. Por isso eu entreguei pra você essa afirmação, que eu acho interessante que seja colocada nesse ponto da nossa entrevista, para que todo mundo se proteja. E que para todos aqueles que não têm a possibilidade de vir fazer o trabalho comigo, ou lá no Instituto, também possam se beneficiar. Eu faço uma entrega dessa Afirmação em nível público, assim com todo o amor no coração. Pra ajudar àqueles que queiram se beneficiar com um pouco mais de proteção. Porque esse é um trabalho que protege bastante. Um trabalho desenvolvido buscando a proteção mesmo, né? [Déborah refere-se à "Afirmação Gateway", base de todo o trabalho no Instituto Monroe, e que os leitores poderão acessar mais adiante]*

SPS - Para usufruir dessa Afirmação é preciso que a pessoa se identifique integralmente com ela, não é?

DS - Integralmente. Se você pudesse transcrevê-la na nossa entrevista eu adoraria, porque é uma contribuição para todos os viajantes astrais, porque eu não sei bem como é que eles fazem isso, já que eu venho fazendo isso desde que me entendo por gente. E eu estou muito contente com esse meu corpo [risos]! Estou com ele há 56 anos e não tenho nenhuma reclamação a fazer [risos]!

SPS - Você tem vivido bem a vida, não é isso?

DS - Bem profundamente, bastante. Apesar de ter uma vivência extracorpórea também muito profunda.

SPS - A vivência extracorpórea contribui para a sua vivência no corpo, certo? Não teria sentido — pelo menos você estando encarnada — se as EFCs não lhe ensinassem alguma coisa para você utilizar na sua vida encarnada...

DS - É isso mesmo. Porque a coisa por ela mesma, sair do corpo por sair do corpo, por mera curiosidade, não lhe acrescenta nada. Agora, você sair com um roteiro, um objetivo, um crescimento — como a afirmação fala, — isto é uma intenção interessante. Para que também se aproximem de mim energias que saibam mais do que eu sei, que sejam melhores do

que eu sou, então isto é uma ajuda muito grande. Isto é interessante de ser colocado, para que as pessoas se sintam com um campo mais protegido, e com uma proteção espiritual, áurica, energética, moooooita proteção [risos], pra ter sintonia energética. Porque conforme eu já falei e repito, semelhante atrai semelhante. Então, com uma sintonia de bondade, de ajuda aos outros, você também só vai encontrar quem venha lhe acrescentar mais nesse sentido. Se estiver em uma sintonia ruim, você vai encontrar energias ruins de qualquer estilo. Quanto mais você se aprofundar, mais vai encontrar formas energéticas não visíveis, e esse é o trabalho mais complicado.

SPS - Como é que você enfim resume o seu trabalho?

DS - Eu procuro conhecer o máximo possível, estudar o máximo possível, pra entregar o melhor a todas as pessoas que vêm participar dos meus workshops. Aprendo também com os meus alunos. Aprendo demais. Cada workshop é diferente, uma energia diferente, é um aprendizado contínuo, e eu sou fascinada, apaixonada pelo que faço.

* <http://www.portalmonroebrasil.com/afirmacao.html>

Copyright © 2002 Marco Antonio Coutinho - Não pode ser reproduzido sem autorização do autor.